e-ISSN: 2177-8183

QUANDO O SABER NÃO ENCONTRA SUPORTE: IMPASSES TRANSFERENCIAIS NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

WHEN KNOWLEDGE FINDS NO SUPPORT: TRANSFERENTIAL IMPASSES IN THE PEDAGOGICAL RELATIONSHIP

CUANDO EL SABER NO ENCUENTRA APOYO: IMPASSES TRANSFERENCIALES EN LA RELACIÓN PEDAGÓGICA

Nívia Maria de Oliveira Nogueira
nivianogueira@edu.unifor.br
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

Maria Valonia da Silva Xavier
valoniaxavier@gmail.com
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

Leônia Cavalcante Teixeira
leonia.ct@gmail.com
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

RESUMO

O artigo se propõe a analisar a crise simbólica que atravessa a função docente na contemporaneidade, a partir dos conceitos psicanalíticos de transferência, sujeito suposto saber e queda do Outro. Fundamentado em Freud e Lacan, investiga-se como o enfraquecimento da função simbólica do professor compromete a possibilidade de sustentação da transferência no laço educativo. Considera-se que a recusa da criança em reconhecer nos adultos de referência um lugar de saber repercute no campo escolar, esvaziando o investimento simbólico necessário à aprendizagem. A escola, sob o predomínio do discurso capitalista, testemunha a circulação de saberes sem suposição de saber, produzindo efeitos de desimplicação subjetiva. A psicanálise, ao elucidar os impasses da transmissão, permite recolocar a centralidade do desejo e da escuta na experiência educativa.

e-ISSN: 2177-8183

Palavras-chave: Educação. Escola. Relação professor-aluno. Psicanálise. Transferência.

ABSTRACT

The article proposes an analysis of the symbolic crisis affecting the teaching function in contemporary times, based on psychoanalytic concepts such as transference, the subject supposed to know, and the fall of the Other. Grounded in the theories of Freud and Lacan, it investigates how the weakening of the teacher's symbolic function compromises the possibility of sustaining transference within the educational bond. It is considered that the child's refusal to recognize in adult figures a place of knowledge reverberates in the school context, draining the symbolic investment necessary for learning. The school, under the dominance of capitalist discourse, witnesses the circulation of knowledge without the supposition of knowledge being addressed to the teacher, producing effects of subjective disengagement. Psychoanalysis, by elucidating the impasses of transmission, allows for the re-centering of desire and listening within the educational experience.

Keywords: Education. School. Teacher-student relationship. Psychoanalysis. Transference.

RESUMEN

El artículo se propone analizar la crisis simbólica que atraviesa la función docente en la contemporaneidad, a partir de los conceptos psicoanalíticos de transferencia, sujeto supuesto saber y caída del Otro. Basándose en Freud y Lacan, se investiga cómo el debilitamiento de la función simbólica del profesor compromete la posibilidad de sostener la transferencia en el vínculo educativo. Se considera que la negativa del niño a reconocer en los adultos de referencia un lugar de saber repercute en el ámbito escolar, vaciando la inversión simbólica necesaria para el aprendizaje. La escuela, bajo el predominio del discurso capitalista, es testigo de la circulación de saberes sin suposición de saber, lo que produce efectos de desimplicación subjetiva. El psicoanálisis, al esclarecer los impasses de la transmisión, permite recolocar la centralidad del deseo y la escucha en la experiencia educativa.

Palabras clave: Educación. Escuela. Relación profesor-alumno. Psicoanálisis. Transferencia.

e-ISSN: 2177-8183

INTRODUÇÃO

A interlocução entre educação e psicanálise se configura como um campo de investigação privilegiado, na medida em que ambas se debruçam, ainda que por perspectivas distintas, sobre os modos de constituição do sujeito e as condições de possibilidade da transmissão do saber. Se a prática educativa se orienta pela tarefa de introduzir a criança na cultura, promovendo processos de socialização e de apropriação simbólica, a psicanálise, desde Freud a Lacan, propõe-se a interrogar o que, nesse percurso, escapa à racionalidade pedagógica e revela a presença do inconsciente, do desejo e da transferência como operadores fundamentais. Nessa direção, torna-se importante reconhecer que a escola, mais do que espaço de instrução, é atravessada por discursos e por um regime de laços sociais que incidem sobre o lugar do professor e a suposição de saber nele depositada. Este artigo, fruto da escrita de pedagogas/professoras que se inscrevem no campo da psicanálise, busca analisar a crise simbólica que atravessa a função docente na contemporaneidade, problematizando, a partir de conceitos de Freud e Lacan, os efeitos de tal crise sobre a sustentação da transferência e as possibilidades de transmissão na experiência educativa.

A escola contemporânea configura-se como um espaço atravessado por tensões e vacilações no campo do simbólico que incidem diretamente sobre a função docente. Cada vez mais, o professor encontra dificuldade em se sustentar como figura de autoridade reconhecida e investida de saber. Esse fenômeno não pode ser reduzido a problemas metodológicos ou conjunturais: ele aponta para transformações mais amplas nas estruturas do discurso social e nos modos de relação entre sujeitos. Tunes e Prestes (2020) assinalam que a crise de autoridade que hoje atravessa a educação não se restringe ao espaço escolar, mas se enraíza também no declínio da função simbólica da família, deslocada de sua função formadora por programas governamentais que transferiram responsabilidades às instituições escolares. Esse

processo contribui para um cenário de conflitos, no qual a militarização aparece como tentativa de restaurar a ordem, mas vinculada à legitimação da força e à impossibilidade de sustentar a função de transmissão do saber.

Dados internacionais reforçam esse diagnóstico. O TALIS [Teaching and Learning International Survey], pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem coordenada pela OCDE [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico], evidencia de modo comparativo a desvalorização docente: apenas 11% dos professores brasileiros acreditam que sua profissão é socialmente valorizada, contra 26% da média da OCDE; apenas 18% declaram estar satisfeitos com seus salários e 53% com os termos de seus contratos; e, durante uma aula típica, apenas 67% do tempo em sala é dedicado as atividades de ensino-aprendizagem, frente a 78% nos países da OCDE (OCDE, 2019). Esses números não se limitam a descrever uma insatisfação circunstancial: eles indicam um impasse estrutural, no qual a profissão docente é marcada por baixa legitimidade social, insatisfação material e dificuldades na gestão da sala de aula.

Esse impasse se expressa também nos resultados de aprendizagem. O PISA 2022 [Programme for International Student Assessment], outra pesquisa internacional conduzida pela OCDE (2023), mostra que estudantes brasileiros de 15 anos alcançaram médias de 379 pontos em matemática, 410 em leitura e 403 em ciências, em contraste com as médias da OCDE de 472, 476 e 485 pontos, respectivamente (OCDE, 2023). Os resultados evidenciam desigualdades persistentes e sugerem que a desvalorização docente se articula a um conjunto mais amplo de condições sociais, econômicas e pedagógicas que incidem sobre o rendimento dos alunos.

No plano nacional, o desgaste do professor aparece em indicadores de saúde e condições de trabalho que apontam para um quadro alarmante de adoecimento. A pesquisa da CNTE [Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação] realizada em 2023 revelou que 72% dos docentes relataram exaustão e 63% estão em risco de burnout, associados à carga horária excessiva, baixos salários e falta de suporte pedagógico (CNTE, 2023).

Além das atividades de ensino, os professores assumem funções de mediação de conflitos e apoio emocional aos alunos, intensificando a sobrecarga. A cultura de produtividade neoliberal e a gestão precarizada da educação agravam esse cenário, criando ambientes hostis em que a saúde mental é sistematicamente negligenciada. Os danos se manifestam em múltiplos níveis: problemas físicos - lesões por esforço repetitivo, doenças respiratórias; psicológicos - estresse crônico, depressão e burnout; e sociais - solidão e assédio moral. A pandemia de Covid-19 exacerbou tais condições, pois ampliou o estresse, a ansiedade e o isolamento entre os professores. Esses dados não apenas descrevem condições objetivas de trabalho, mas evidenciam a queda simbólica da autoridade docente, cujo enfraquecimento fragiliza o vínculo educativo e compromete a transmissão do saber.

As projeções de médio prazo indicam que a crise tende a se aprofundar. Segundo estimativas do Instituto Semesp, centro de estudos vinculado ao Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior de São Paulo, o Brasil poderá enfrentar até 2040 um déficit de 235 mil professores da educação básica. Esse prognóstico, comentado por Sílvia Colello em reportagem do Jornal da USP, escrita por Teixeira (2025), não se explica apenas por variáveis demográficas, mas revela o efeito duradouro de um processo em que a carreira perdeu prestígio simbólico e condições materiais para atrair e reter profissionais. O chamado “apagão docente” torna visível como a desvalorização do professor se projeta no futuro, comprometendo não somente o presente da educação, mas também sua possibilidade de continuidade.

Esses indicadores empíricos, embora fundamentais para dimensionar o alcance da crise docente, não esgotam sua compreensão. Ao evidenciar precariedade material, exaustão e déficit de profissionais, eles iluminam o contorno do problema, mas deixam em aberto aquilo que os números não captam: os efeitos subjetivos e simbólicos que atravessam a relação educativa. É nesse ponto que se torna necessária a articulação com a psicanálise. Lacan (2008[1964]) nos lembra, em seu ‘Seminário 11’: “só existe causa para o que manca” (p. 27) — o inconsciente não se

revela na completude, mas no vacilo, na falha, na hiância. A crise docente, portanto, não pode ser interpretada apenas pela ótica dos indicadores: ela toca essa dimensão estrutural em que se decide a dimensão ética implicada pelo inconsciente. Quando a suposição de saber vacila, o vínculo pedagógico se esvazia, e é nessa questão que devemos pensar a queda da autoridade docente como impasse da transferência.

Do ponto de vista psicanalítico, o impasse docente pode ser lido como efeito da queda da suposição de saber. No 'Seminário 11', Lacan (2008[1964]) afirma que a transferência só se funda "desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber" (p. 220). Tomando essa formulação como horizonte de leitura, compreende-se que, no espaço escolar, o professor ocupa esse lugar apenas enquanto destinatário dessa suposição. Quando tal operação falha, o vínculo pedagógico não se sustenta e a aula se reduz à circulação de informações fragmentadas, desprovidas de implicação subjetiva. A crise contemporânea da docência se manifesta exatamente não como ausência de conteúdos ou de metodologias, mas como impossibilidade de sustentar o professor como figura simbólica a quem se pode supor um saber, efeito que se articula à lógica do discurso capitalista, em que o saber circula como mercadoria, dispensando a mediação daquele que antes era suposto saber.

Em termos mais simples, o sujeito suposto saber designa a operação pela qual alguém é colocado na posição de depositário de um saber, independentemente de realmente possuí-lo. Trata-se de um lugar simbólico construído pela transferência: é o endereçamento da confiança, do desejo e da expectativa de que um saber esteja ali disponível. No contexto escolar, isso significa que o professor ocupa essa posição não apenas por seus conhecimentos objetivos, mas porque é investido como figura a quem se pode supor saber. É essa suposição que sustenta o vínculo pedagógico e possibilita que a aprendizagem ultrapasse a mera transmissão de informações. Quando tal operação falha, resta apenas a circulação fragmentada de conteúdos, desprovida da implicação subjetiva que caracteriza a experiência educativa. É nesse ponto que Freud (2011[1921]) introduz sua reflexão sobre os laços sociais sustentados pela figura do chefe, e que Lacan (1992[1969-1970]), ao propor o

discurso do capitalista, reformula os termos dessa sustentação no interior da modernidade.

Freud (2011[1921]), em Psicologia das massas e análise do eu, mostra que a coesão de um grupo não se funda na racionalidade consciente, mas nos laços libidinais estabelecidos em torno de uma figura de autoridade. Nas chamadas massas artificiais, como a Igreja e o Exército, por exemplo, ele observa: “na Igreja, tal como no exército, só se pode manter a coesão da massa porque existe uma ilusão: a de que há um chefe que ama igualmente a todos os indivíduos da massa. Com isso, todos podem se identificar uns com os outros, todos na mesma medida, por meio de um laço identificatório com o chefe” (Freud, 2011[1921], p. 24-25). Nessa perspectiva, “essa ligação com o chefe substitui a ligação entre os membros da massa” (Freud, 2011[1921], p. 25). Quando esse vínculo se desfaz, escreve Freud (2011[1921]): “a dissolução da massa acontece quando ela perde o chefe, ou quando desaparecem as ligações entre seus membros” (p. 25). O que ele evidencia é que a solidez dos laços coletivos não decorre de uma adesão racional, mas do investimento libidinal que se concentra na função simbólica do chefe.

Lacan (1969–1970/1992), no ‘Seminário 17: O avesso da psicanálise’, indica que, na modernidade capitalista, ocorre uma mudança no modo de sustentação dos laços sociais. Nesse contexto, introduz o “discurso do capitalista” como uma variação do discurso do mestre, uma torção estrutural em que o saber (S2) passa a ocupar o lugar do senhor, instaurando uma circulação sem barreiras, própria da sociedade de consumo. O que em Freud se organizava pela referência ao chefe, em Lacan se desloca para o saber, que passa a ocupar o lugar do senhor: “o tudo-saber tenha passado para o lugar do senhor, eis o que [...] mostra o cerne do que está em jogo na nova tirania do saber” (Lacan, 1992[1969-1970], p. 30). Esse arranjo, que Lacan denomina de discurso capitalista, instaura uma circulação ilimitada do saber como mercadoria, de modo que os próprios sujeitos se tornam produtos, consumíveis tanto quanto os outros: “Sociedade de consumo, dizem por aí” (Lacan, 1992[1969-1970], p. 30).

A partir dessa formulação, infere-se que o espaço escolar contemporâneo se inscreve na lógica do discurso do capitalista. Esse arranjo, que se apresenta como um funcionamento aparentemente perfeito, contém, contudo, a tendência à sua própria autodestruição (Lacan, 1992[1969-1970]). Nesse regime discursivo, o saber assume a forma de mercadoria, disponível sem mediação, de modo que o professor perde a posição simbólica que lhe conferia consistência como figura de saber e tende a ser reduzido à aplicação instrumental do saber. Em Freud (2011[1921]), a autoridade se organizava pela identificação com a figura do chefe como sustentáculo da coesão grupal. Já em Lacan (1992[1969-1970]), ao introduzir o discurso do capitalista, foi evidenciada que tal referência não se ancora mais em um Outro consistente, mas se desloca para a circulação ilimitada do saber como mercadoria. O saber aparece fragmentado, distribuído em redes e plataformas, dispensa a mediação daquele que antes era suposto sabê-lo. A vacilação da posição docente encontra aí sua chave de leitura: não se trata apenas da perda de prestígio social, mas da dissolução estrutural do laço que o constituía como destinatário da transferência, condição indispensável para que a experiência educativa se efetivasse como transmissão simbólica.

A literatura crítica em educação converge nesse diagnóstico ao indicar que a função docente vem sendo reduzida ao mensurável. Saviani (2013), Arroyo (2014) e Frigotto (2017) evidenciam como políticas públicas recentes, ao privilegiarem a BNCC e as avaliações padronizadas, intensificam a lógica tecnicista, minando a dimensão ética e simbólica da docência. Nesse mesmo horizonte, Kupfer (1997) sublinha, a partir da psicanálise, que não se exige de o professor deter o saber, mas sustentar a suposição de que seja portador desse lugar. Quando essa operação falha, o vínculo pedagógico perde sua transferência e a experiência educativa se empobrece.

Essa perspectiva sustenta a hipótese central deste estudo: o enfraquecimento da função simbólica do professor compromete a constituição do vínculo educativo sustentado pela transferência, elemento essencial ao processo de ensino-aprendizagem. A crise atual não pode ser reduzida à perda de prestígio social ou às condições materiais de trabalho, mas deve ser lida como dissolução estrutural do laço

que sustentava o professor como destinatário da suposição de saber. É nesse ponto que se situam os impasses contemporâneos da docência: a vacilação da autoridade simbólica fragiliza o engajamento e o investimento subjetivo dos alunos, pois desestabiliza a própria transmissão.

A crise de autoridade, como destacam Tunes e Prestes (2020), não se limita ao espaço escolar, mas se enraíza no declínio da função simbólica da família, deslocada por programas governamentais que transferiram sua responsabilidade às instituições educativas. Esse processo contribui para um cenário de conflitos, em que a militarização aparece como tentativa de restaurar a ordem, vinculada, contudo, à legitimação da força e ao esvaziamento da função formadora do professor. A docência passa a ser atravessada por demandas de controle disciplinar, em detrimento de sua função de transmissão.

Assim, a relevância deste trabalho reside na articulação entre psicanálise e educação, enquanto permite deslocar o debate sobre a valorização docente para além de reivindicações salariais ou técnicas, alcançando a dimensão ética e estrutural que sustenta o laço educativo. Ao refletir sobre os conceitos de transferência, sujeito suposto saber e queda do Outro, este estudo busca oferecer uma chave de leitura que ilumina os impasses da função docente na contemporaneidade, contribuindo para repensar os modos de sustentar a autoridade pedagógica em bases democráticas e humanizadas.

METODOLOGIA

A metodologia adotada baseou-se em uma revisão narrativa da literatura, que permite mapear produções existentes sobre determinado tema e articular criticamente diferentes perspectivas teóricas e resultados empíricos. Conforme Vosgerau e Romanowski (2014), como um tipo de investigação que visa mapear a produção existente em um campo específico e articular criticamente diferentes perspectivas

teóricas e resultados de pesquisa, esse tipo de revisão permite identificar tendências, recorrências e contradições, além de apontar lacunas que possam orientar novas investigações e busca oferecer uma leitura interpretativa e problematizadora do estado atual do conhecimento. Rother (2007) e Cordeiro et al. (2007) afirmam que essa abordagem possibilita uma visão ampla de um problema de pesquisa, identifica tendências, lacunas e desafios conceituais. Assim, nossa escolha metodológica se mostra adequada ao objetivo de analisar como o esvaziamento simbólico da função docente interfere na aprendizagem e na constituição do laço educativo.

A busca bibliográfica foi realizada em bases de dados reconhecidas no meio acadêmico, a saber: Portal de Periódicos da CAPES, Scientific Electronic Library Online [SciELO], EBSCO, Biblioteca Virtual em Saúde [BVS] e Google Scholar. Foram contempladas produções em língua portuguesa publicadas nos últimos dez anos. A busca, realizada durante os meses de agosto e setembro de 2025, utilizou como descritores as palavras-chave: ‘esvaziamento da função do professor’, ‘suposto saber’, ‘transferência’ e ‘autoridade docente’. É importante mencionar que por se tratar de uma revisão narrativa não deixamos de considerar obras clássicas essenciais para a compreensão do tema e, por isso, foram incluídas dissertações, teses e livros que dialogam com Freud e Lacan, especialmente aqueles que aplicam conceitos psicanalíticos à prática educativa.

Os critérios de inclusão foram: textos que abordassem a transferência e o sujeito suposto saber no contexto educacional e estudos que problematizassem a função docente sob a perspectiva psicanalítica. Foram excluídos textos que tratassem a transferência exclusivamente em contextos clínicos ou sem relação direta com a educação formal. O corpus final contemplou produções teóricas e empíricas que permitiram examinar diferentes perspectivas sobre o problema.

A análise ocorreu em etapas: inicialmente, foram extraídas informações sobre objetivos, metodologia e resultados de cada estudo. Em seguida, identificamos como os conceitos psicanalíticos se articulavam aos desafios contemporâneos da docência, destacando-se categorias como: (a) fragilização do lugar de saber, (b) transferência

como eixo do vínculo pedagógico e (c) efeitos da queda do Outro na prática docente. Por fim, construiu-se uma síntese narrativa que integrou convergências e divergências entre os estudos, complementada por obras clássicas e contemporâneas da psicanálise sobre transmissão e função do Outro.

Reconhece-se que a revisão narrativa tem limitações, como ausência de análise estatística rigorosa e possibilidade de viés na seleção e interpretação das fontes. Entretanto, ao priorizar profundidade e articulação crítica, mostrou-se adequada para refletir sobre os desafios da função docente na contemporaneidade e fornecer subsídios teóricos relevantes para o debate acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola contemporânea tem se configurado como um espaço atravessado por impasses estruturais profundos, os quais incidem diretamente sobre a função docente e a própria viabilidade da transmissão do saber. Entre os fatores mais significativos desse processo, destaca-se o esvaziamento do lugar simbólico do professor, cada vez menos reconhecido como figura de autoridade e, sobretudo, como aquele a quem se pode supor um saber. A transferência de responsabilidades da família para a instituição escolar produziu uma inversão de funções que, ao mesmo tempo em que sobrecarregou a escola, coincidiu com a desautorização de sua legitimidade social. Nesse contexto ambivalente, o docente, figura central do processo educativo, vê sua posição fragilizada diante dos alunos, famílias e da comunidade em geral (Tunes; Prestes, 2020).

Essa crise de legitimidade se manifesta de forma contundente nas relações cotidianas. Nos meios de comunicação, multiplicam-se relatos de agressões físicas e verbais contra professores, perpetradas não apenas por alunos, mas também por familiares e até por membros da própria comunidade escolar. A insegurança que se instala entre os docentes se vincula diretamente ao enfraquecimento de sua

autoridade simbólica, repercutindo em práticas e relações atravessadas pela vulnerabilidade e pelo temor (Pereira; Zuin, 2020). Esse quadro não pode ser lido apenas como falha disciplinar ou indisciplina estudantil; trata-se, antes, de um colapso da suposição de saber que historicamente sustentava o vínculo pedagógico.

O enfraquecimento da autoridade docente integra, portanto, um processo mais amplo de desvalorização simbólica da função do professor. Discursos sociais disseminados em diferentes esferas contribuem para a construção de uma imagem distorcida da escola, frequentemente acusada de promover doutrinações ideológicas, o que reforça a desconfiança pública quanto ao papel educativo das instituições escolares. Tal atmosfera de deslegitimação atinge diretamente o laço pedagógico, ao mesmo tempo em que compromete o bem-estar psíquico dos educadores e intensifica o esvaziamento de sua função formadora. Essa realidade, que atravessa a conjuntura sociopolítica contemporânea marcada por instabilidades econômicas, transformações nas políticas públicas e fragilização das instituições democráticas, coloca a profissão docente diante de desafios ainda mais complexos. Para além das dificuldades historicamente enfrentadas, por exemplo, baixos salários, sobrecarga de trabalho, multiplicidade de tarefas extraclasse e precarização das condições de exercício profissional, observa-se um processo crescente de desgaste simbólico e social do magistério. Como ressalta Pereira (2023), o professor se vê às voltas com o ostensivo desgaste de seu ofício, somado ao indisfarçável desinteresse pelos estudos manifestado por parcela significativa dos alunos.

Esse processo de desvalorização não se restringe ao âmbito social da percepção sobre a docência. Ele incide diretamente sobre o saber pedagógico, pois alimenta a desconfiança generalizada quanto ao papel formativo desempenhado pelo professor. Configura-se, assim, uma conjuntura que compromete a saúde mental dos educadores e impacta a qualidade do trabalho pedagógico, bem como a própria concepção da educação como prática social fundamental. Inserida em um cenário dominado por discursos meritocráticos e pela lógica de mercado, a função docente tende a ser reduzida a aspectos técnicos e operacionais, em detrimento de sua

dimensão ética, política e formadora. Torna-se urgente, nesse sentido, a reflexão crítica sobre os fundamentos simbólicos da educação e a defesa da docência como prática intelectual, afetiva e socialmente indispensável.

Santos (2015), em suas pesquisas, sistematiza cinco dimensões da desvalorização docente que ajudam a compreender esse cenário: 1) desvalorização econômica, vinculada à baixa remuneração e ao insuficiente reconhecimento financeiro, que compromete a motivação e a qualidade da educação; 2) desvalorização social, associada ao desprestígio e à baixa autoestima social concedida aos professores; 3) desvalorização psicológica, relativa ao desgaste mental e emocional, marcado pelo estresse, sobrecarga de trabalho e falta de apoio institucional; 4) desvalorização pela obsolescência, resultante da ausência de investimento em formação continuada, que expõe o professor ao risco de se tornar ultrapassado diante de novas metodologias, tecnologias e debates educacionais; e 5) desqualificação ou degenerescência da profissão, forma mais grave de desvalorização, na qual a profissão é atacada por práticas injustas e políticas que fragilizam sua dignidade e papel social, levando à deterioração de sua identidade formadora.

O impacto dessa desvalorização reverbera no cotidiano escolar e na percepção dos próprios docentes. Como apontam Pereira e Zuin (2019), “as falas dos professores sobre a desautorização e o aumento da violência revelam muito mais do que aparentam, simbolizam também uma denúncia da precarização do trabalho docente e do descaso com a educação” (p. 1). Pereira (2005) reforça essa leitura ao observar que a condição pedagógica forja um docente cuja presença tende a desaparecer, não apenas por seu caráter fugaz, mas porque, ao viver uma consciência dividida, substitui o saber que efetivamente possui por práticas que o negam. Nesse movimento, o professor se esvazia enquanto sujeito de conhecimento, dissolvendo seu lugar simbólico de autoridade e orientação, e deixa de ser reconhecido como figura de referência no exercício educativo.

É nesse ponto que a perspectiva psicanalítica se mostra fundamental, ao permitir interrogar a condição pedagógica a partir do conceito de transferência. Compreendida como a operação que sustenta a relação entre o sujeito e o saber em jogo nos laços sociais e educativos, a transferência possibilita que o docente seja, para o aluno, um lugar de endereçamento do desejo de saber. Ainda que esse lugar seja tensionado pelas dinâmicas institucionais que tendem a esvaziar sua autoridade simbólica, ele é condição essencial para a circulação do conhecimento e para a instalação do vínculo pedagógico.

Desde Freud (1976[1912]), em 'A dinâmica da transferência', a noção de transferência ocupa um lugar central tanto na clínica psicanalítica quanto na compreensão das relações intersubjetivas mediadas pelo saber. Inicialmente identificada como repetição inconsciente de experiências afetivas primárias, a transferência foi posteriormente ampliada para diferentes campos da vida social, incluindo a relação professor-aluno. Freud observa que o analista, no setting terapêutico, pode ocupar o lugar de "resto diurno", ou seja, ser investido de significações inconscientes oriundas de relações anteriores, pois isso configura a transferência. Kupfer (1997) destaca que esse fenômeno se manifesta em diversas relações humanas, inclusive na escola, onde o professor pode ser percebido como substituto simbólico de figuras parentais ou de autoridade.

Nessa perspectiva, a transferência na relação pedagógica consiste na projeção, por parte do aluno, de desejos, lembranças e fantasias sobre o professor. Esse vínculo pode se configurar de diferentes maneiras: transferência positiva, marcada por sentimentos de confiança, respeito e admiração; transferência negativa, manifestada por rejeição, resistência ou hostilidade; e situações de não instalação da transferência, nas quais prevalecem desinteresse, apatia e indiferença diante do processo de aprendizagem (Santos, 2009). A ambivalência da transferência revela tanto sua potência quanto sua fragilidade: se, por um lado, ela pode sustentar a conexão emocional necessária para que o educando se envolva com o ensino, por

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.37
Agosto - Dezembro, 2025
ISSN: 2177-8183

outro, pode se transformar em obstáculo à aprendizagem quando marcada por sentimentos negativos.

O funcionamento da transferência no espaço escolar depende de um investimento simbólico que antecede a relação direta entre professor e aluno. Para que o docente ocupe o lugar de sujeito suposto saber, é necessário que a criança já se constitua na linguagem como sujeito endereçado a um saber e, portanto, estruturado em relação ao Outro. Voltolini (2019) sublinha que educar não é apenas transmitir conteúdos, mas sustentar um lugar simbólico a partir do qual o sujeito pode endereçar sua demanda de saber. Quando tal operação não se sustenta, seja pelo descrédito social ou pela recusa em reconhecer a função simbólica do professor, instala-se um vazio que compromete o laço pedagógico e reduz a escola a uma instância de mera instrução técnica ou gestão de comportamentos.

Dessa forma, pode-se afirmar que a crise contemporânea da autoridade docente é, ao mesmo tempo, uma crise de transferência. O vínculo pedagógico, sustentado pela projeção de desejos, lembranças e fantasias inconscientes do aluno sobre o professor, perde consistência quando o docente não é legitimado social e simbolicamente. A dificuldade crescente em instaurar transferências positivas, aliada à intensificação de transferências negativas ou mesmo à ausência de transferência, compromete a circulação do saber e fragiliza a experiência educativa. Reafirma-se a urgência de resgatar os fundamentos simbólicos da educação e revalorizar a função docente como instância de escuta, transmissão e elaboração crítica do conhecimento, condição indispensável para a manutenção do laço social e para a própria função civilizatória da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo partiu da hipótese de que a função docente, na contemporaneidade, encontra-se esvaziada de sua potência simbólica, o que

REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 15, n.37
Agosto - Dezembro, 2025
ISSN: 2177-8183

compromete profundamente a possibilidade de sustentação da transferência no laço educativo. À luz da revisão narrativa realizada, os achados indicam a plausibilidade dessa hipótese: a crise da docência não se reduz a fatores metodológicos ou conjunturais, mas converge para um rebaixamento da autoridade simbólica do professor, tal como se depreende do entrecruzamento entre indicadores empíricos e a leitura psicanalítica do laço social.

Ancorados em Freud e Lacan, compreendemos que a fragilização da autoridade docente não decorre primariamente da resistência discente, mas se insere numa lógica social ampliada, marcada pelo predomínio do discurso do capitalista. Nesse regime, conforme Lacan (1992[1969-1970]), o saber (S2) ocupa o lugar do senhor, pois instaura uma circulação ilimitada que tende a dispensar a mediação daquele que antes era suposto sabê-lo. Como efeito, a suposição de saber endereçada ao Outro, nesse caso, ao docente, vacila, diminuindo o investimento libidinal necessário para a instalação da transferência e, por conseguinte, para a circulação do saber como transmissão.

Nesse registro, a escola e o professor passam a ser avaliados pelos critérios da produtividade e da eficácia, o que enfraquece o espaço da transmissão e da escuta, pilares fundamentais do processo educativo. A ausência da suposição de saber ao Outro docente revela uma transformação cultural profunda, que desautoriza não apenas os professores, mas também as demais instâncias simbólicas que antes sustentavam a organização social. Essa leitura reordena o debate: as evidências sobre adoecimento e deslegitimação (CNTE, 2023), a redução da docência ao mensurável (Arroyo, 2014; Frigotto, 2017; Saviani, 2013) e o desempenho acadêmico (OCDE, 2023) ganham inteligibilidade quando articuladas às operações transferenciais descritas por Freud (1976[1912]; 2011[1921]) e à reformulação proposta por Lacan (1992[1969-1970]; 2008[1964]) sobre o laço social. Em termos freudianos, a coesão dos vínculos depende do investimento libidinal. Na visada lacaniana, o laço educativo supõe o professor no lugar de sujeito suposto saber.

Quando essa operação não se instala ou se dissolve, restam informação fragmentada e desimplicação subjetiva.

Assim, a pesquisa atingiu seu objetivo ao evidenciar que a crise da docência contemporânea está intrinsecamente relacionada à fragilidade do simbólico na cultura, e não apenas às condições materiais ou institucionais da profissão. Ao recolocar a questão no campo psicanalítico, foi possível iluminar a dimensão subjetiva e transferencial da docência, resgatando o professor como figura de aposta e de endereçamento do desejo de saber. Essa leitura amplia o debate sobre políticas públicas de valorização docente, ao indicar que tais políticas devem ir além do aspecto salarial e incluir estratégias de restituição da função simbólica do professor.

Reconhece-se, contudo, que o estudo apresenta limites, os próprios de uma revisão narrativa, sem validação empírica de campo e com recorte linguístico e temporal do tema abordado. Nesse sentido, investigações futuras poderiam articular os aportes aqui discutidos a experiências concretas em contextos escolares, de modo a observar como os impasses da transferência se manifestam nas práticas pedagógicas cotidianas e como professores e alunos negociam o lugar do saber no espaço educativo. Apesar desses limites, a análise aqui proposta aponta para a urgência de repensar a formação docente, inserindo no currículo espaços de reflexão sobre a dimensão subjetiva da prática pedagógica e os atravessamentos inconscientes que constituem o ato de educar. Mais do que novas metodologias ou tecnologias, o que se coloca em jogo é a possibilidade de resgatar a função docente como lugar de escuta, de desejo e de aposta no Outro, condição indispensável para que a escola mantenha sua potência transformadora.

Em termos propositivos, a restituição do lugar simbólico do professor não se reduz a políticas salariais, embora sejam necessárias, mas requer dispositivos de formação coerentes com a psicanálise: (a) espaços regulares de escuta e supervisão institucional; (b) grupos de estudo sobre transferência e sujeito suposto saber; (c) discussão clínica de situações pedagógicas à luz de Freud/Lacan/Kupfer; (d) programas de formação continuada que tematizem explicitamente o impacto do

discurso do capitalista na escola. Tais medidas não prescrevem técnicas, mas sustentam condições para que a transferência se instale e o saber circule como transmissão.

Conclui-se, portanto, que recuperar a autoridade simbólica do professor, não no sentido autoritário, mas como figura a quem se pode endereçar o desejo de saber, é um gesto ético, político e social de resistência frente às lógicas de desumanização contemporâneas. Reinscrever a docência nesse campo significa reafirmar a educação como processo de transmissão simbólica e de constituição subjetiva, sem o qual não é possível pensar a continuidade da cultura e da vida em comum.

Submetido em novembro 2025

Avaliado em novembro 2025

Publicado em dezembro 2025

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Repensar o Ensino Médio: Por quê? *In:* DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO [CNTE]. **O mal-estar docente:** pesquisa nacional sobre a saúde e condições de trabalho dos profissionais da educação básica. Brasília: CNTE, 2023.

CORDEIRO, Alexander Magno *et al.* Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, nov./dez. 2007.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. *In:* FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XII**. Rio de Janeiro: Imago, 1976[1912].

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. *In:* FREUD, Sigmund, **Obras completas, vol. 15**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011[1921].

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Escola 'sem' partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: LPP, Uerj, 2017.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1997.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008[1964].

LACAN, Jacques. **Seminário 17:** o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992[1969-1970].

OECD. **PISA 2022 Results (Volume I):** The State of Learning and Equity in Education. Paris: OECD Publishing, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1787/53f23881-en. Acesso em 14 de set. 2025.

OECD. **TALIS 2018 Results (Volume I):** Teachers and School Leaders as Lifelong Learners. Paris: OECD Publishing, 2019.

PEREIRA, Antônio Igo Barreto; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Autoridade enfraquecida, violência contra professores e trabalho pedagógico. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 76, p. 331-351, jul./ago. 2019.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **A impostura do mestre**: da antropologia freudiana à desautorização moderna do ato de educar. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001487989. Acesso em 13 de set. 2025.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SANTOS, Jacia Maria Soares dos. **A transferência no processo pedagógico**: quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino-aprendizagem. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: http://repositorio.ufmg.br/handle/1843/12345. Acesso em 10 de jul 2025.

SANTOS, Westerley Antonio. Uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 349-358, 2015. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/SapereAude/article/view/9764. Acesso em: 13 de set. 2025.

SAVIANI, Demerval. Vicissitudes e perspectivas do direito à educação no Brasil: abordagem histórica e situação atual. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 124, p. 743-760, 2013.

TEIXEIRA, Yasmin. Brasil poderá ter carência de 235 mil professores de educação básica até 2040. **Jornal da USP**, São Paulo, 13 de fevereiro de 2025. Disponível em: https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-podera-ter-carencia-de-235-mil-professores-de-educacao-basica-ate-2040/. Acesso em 14 de set. 2025.

TUNES, Elizabeth; PRESTES, Zoia. Escola, professor e autoridade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 32, n. spe, p. 183-184, jun. 2020.

VOLTOLINI, Rinaldo. Interpelações Éticas à Educação Inclusiva. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, e84847, 2019.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.